

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO**
- CULTURA**
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**
- EDUCAÇÃO**
- MEIO AMBIENTE**
- SAÚDE**
- TRABALHO**
- TECNOLOGIA**

**PSICOLOGIA E A ECONOMIA SOLIDÁRIA:
AUTONOMIA COLETIVA X LIDERANÇA CAPITALISTA**

Lorena Fiuza Ferreira (lorena.fferreira@gmail.com)
Fernanda Pimentel Santos (fpimentelsantos@gmail.com)
Sara Scheidt Soriano (sarasoriano@ymail.com)
Manuela Salan Brasil (manu_lela2@hotmail.com)

RESUMO – O presente artigo visa proporcionar uma discussão e reflexão sobre atitudes e papéis de liderança em economia solidária, tendo em vista os trabalhos realizados pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa – IESOL. Esta incubadora tem como metas promover em grupos de economia solidária a possibilidade de autogestão, a geração de trabalho e renda, a organização baseada no associativismo e cooperativismo, a sustentabilidade e autonomia nos empreendimentos. Dessa forma a economia solidária enfatiza a importância de se criar caminhos de autonomia coletiva ou liderança solidária compartilhada, sendo o oposto da visão tradicional de liderança herdada pelo sistema capitalista. Portanto, busca-se com esse trabalho trazer contribuições da psicologia relacionada a grupos e a visão de liderança compartilhada, relacionada ao conceito de liderança em grupos de economia solidária incubados pela IESOL, discutindo o desafio de praticar a economia solidária inserido na cultura capitalista.

PALAVRAS-CHAVE – Liderança. Economia Solidária. Psicologia.

Introdução

A economia solidária é um tema que vem sendo discutido constantemente no meio acadêmico e social, por realizar uma forte crítica sobre o sistema econômico dominante e propor um estilo de economia que luta pelas desigualdades sociais presente no capitalismo. O documento da I Conferência Nacional de Economia Solidária (2005) alega a necessidade de trabalhadores solidários atuarem na superação das contradições próprias do capitalismo, encontrada como dificuldade.

A Economia Solidária na cidade de Ponta Grossa tem como apoio a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL), que faz parte de um programa da UEPG que surgiu com o intuito de fomentar, articular, organizar e consolidar empreendimentos solidários, promovendo nos grupos de trabalhadores incubados os princípios da Economia Solidária.

O autor Paul Singer (2002), comenta que a economia solidária compreende diferentes tipos de associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios econômicos. E surgem como reações a carências, como a pobreza, que o sistema dominante se nega a resolver.

De acordo com o Paul Singer a economia solidaria é:

Uma economia formada por empresas onde os trabalhadores são capitalistas e os capitalistas são os trabalhadores. Não há separação entre a propriedade e o trabalho. Todos os que trabalham na empresa são donos da empresa por igual. Cada um tem a mesma parte do capital, e portanto os mesmos direitos de decisão. Pratica-se a autogestão, que é administração da empresa por todos que trabalham nela democraticamente. (Paul Singer, p.11. 2002)

Dessa forma, o autor define a economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade de direitos, onde os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles, favorecendo e incentivando a autonomia e autogestão.

Beatriz (2012) traz a visão de Paul Singer sobre a autogestão, como um principal diferencial do empreendimento solidário, pois em uma empresa capitalista visa-se a concentração do poder, a heterogestão, caracterizada pela distribuição desigual do poder, sendo bastante criticado pela economia solidária.

Em praticamente todas as formas de relações sociais necessita-se de representantes (ou líderes). De acordo com Scholz (2009) os líderes são pessoas que defendem as causas a que pertencem, organizam os sujeitos envolvidos com o propósito de manter a dinâmica das esferas política e social em que estão imersos e nas quais se constituem. Porém essas práticas de lideranças são assumidas normalmente dentro do caráter da concentração do poder, buscando-se manter a hierarquia tradicional.

A economia solidária tem uma visão diferenciada do papel da liderança, onde busca-se democratizar a autonomia e os direitos. Os líderes neste caso assumem uma postura liderança compartilhada, pois todas as decisões são tomadas e discutidas coletivamente com o grupo.

Seguindo esta visão da economia solidária autogestionária busca-se refletir sobre a questão de liderança dentro de grupos de economia solidária que fazem parte da Incubadora de Empreendimentos Solidários da UEPG (IESOL). Ressaltam-se as contribuições da psicologia que enfatiza a importância dos líderes que favorecerem a autonomia coletiva do grupo.

Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a relação entre a autonomia coletiva enfatizada na economia solidária e o papel de liderança, considerando a realidade de empreendimentos de economia solidária encontrados na Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL), na cidade de Ponta Grossa.

Desta forma pretende-se dialogar sobre a Economia Solidária e a prática do trabalho coletivo, a partir da perspectiva da autogestão diferenciando-a da heterogestão capitalista, bem como refletir sobre o papel da liderança em grupos de empreendimentos solidários, considerando das contribuições da área da psicologia.

Referencial teórico-metodológico

Nas décadas de 1980 e 1990 os movimentos sociais no Brasil eclodem e várias iniciativas comunitárias surgem com finalidade de melhorar o trabalho, a renda e a saúde vão ganhando destaque. Segundo Veronese (2004), neste período os princípios da economia solidária e a produção autogestionária no Brasil constituem os movimentos sociais do país, uma vez que o desemprego e a competição no mercado de trabalho estavam crescendo significativamente.

Dentro deste contexto a psicologia também demarcou a sua participação, pois na década de 1980 e 1990 é desenvolvido Psicologia Social Comunitária, caracterizada pela construção de uma psicologia social crítica, histórica e comprometida com a realidade concreta da população brasileira. Dessa forma, de acordo com Freitas (1996), os psicólogos passam a atuar juntos em diversos setores da população enfatizando práticas emancipatórias, autogestão e empoderamento dos sujeitos. A economia solidária e a psicologia comunitária passam a desenvolver suas teorias baseadas nas desigualdades sociais, objetivando colaborar para a reivindicação de melhorias e autonomia da população brasileira.

De acordo com Paul Singer (2002), o capitalismo produz desigualdade crescente, realizando uma competição constante entre ganhadores e perdedores, onde o papel do líder é essencial para a concentração e domínio do poder. O autor acredita que a solidariedade na economia só torna-se possível se for organizada igualmente, tendo como princípio a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais.

A autora Veronese enfatiza a importância da autogestão em grupos:

A autogestão é outro critério importante no campo da economia solidária; ela diferencia-se da heterogestão onde um patrão, chefe, supervisor, ou consultor nos modelos de gestão contemporâneos, decide, orienta e define os rumos dos processos e das relações da e na produção. Na autogestão, cada um deverá ser gestor, discutindo em grupo quais são as ações prioritárias, como férias, ganhos financeiros etc. O sujeito é interpelado a ser seu próprio gestor, geralmente tendo toda uma história de subordinação nas experiências anteriores de trabalho, heterogestionárias e autoritárias. (VERONESE, 2004, p. 109).

O documento da I Conferência Nacional de Economia Solidária (2005) mostra o comprometimento desta economia com a lógica de responsabilidade coletiva e igualdade de direito a todos os sócios do empreendimento, mantendo a horizontalização das decisões, contra a ideia da dimensão hierarquizada das empresas capitalistas, onde o líder tem total controle.

Tendo em vista que o objetivo desses empreendimentos é composto por valores que visam o coletivo, a psicóloga Veronese destaca a dificuldade encontrada para construir uma liderança solidária compartilhada: “Eles parecem percorrer um caminho cujo o movimento poderia ser compreendido como uma espiral: aprendem, erram, voltam, avançam. Comemoram conquistas e sofrem retrocessos” (Veronese, p.10, 2011)

Assim, a autora enfatiza a dificuldade de diferenciação entre a heterogestão, onde o poder de decisões centra-se em uma pessoa com um cargo normalmente elevado, a autogestão que se caracteriza pela tomada de decisões democrática, tendo a participação de todos.

Seguindo o mesmo pensamento Scholz (2009) defende a ideia de que para a gestão de um grupo ser bem exercida nas organizações, precisa valorizar aspectos sociológicos, psicológicos, econômicos e administrativos, além da particularidade de cada indivíduo, na qual busca-se substituir o autoritarismo individual pela democracia do grupo.

No campo da psicologia várias teorias foram desenvolvidas buscando explicar a liderança presentes nos grupos. O psicólogo Kurt Lewin (1978) abordou a importância de desenvolver líderes democráticos para que estimulem a cooperação e promovam mudanças

nos grupos. Para o autor a liderança democrática torna os liderados menos dependentes do líder, mantendo uma relação autônoma e dialética.

Outro psicólogo que trabalhou a liderança em grupos foi Pichon-Rivière (1988) teorizando que em um grupo pode existir pessoas que assumem o papel de “líderes da mudança”, são aqueles que tendem a “puxar” o grupo para frente e mobilizar a participação dos demais integrantes. Mas também existem os “líderes da resistência”, os quais manifestam comportamentos que tendem a dificultar os avanços do grupo. Pichon (1988) ressalta que os papéis nos grupos devem ser rotativos, não tendo uma única pessoa exercendo o papel de líder absoluto e permanente, rotatividade também defendida pela economia solidária.

Dentro de várias construções teóricas relacionadas a grupos a figura do líder é evidente, sendo um desafio tanto para psicologia social comunitária como para economia solidária compreender as relações sociais, incentivando a autonomia e o trabalho coletivo dentro da cultura capitalista.

Resultados

A Incubadora de Empreendimentos Solidários da UEPG desenvolve seu trabalho desde o ano de 2005. De acordo com as experiências os grupos incubados, é possível observar conflitos em alguns grupos por existir integrantes que realizam um forte papel de liderança, exprimindo uma postura individual e dominadora nas decisões sobre o empreendimento.

Como resultado desta postura os restantes dos participantes assumem passivamente um papel submisso às iniciativas de líderes, não havendo a inclusão do grupo nas decisões e discussões dos problemas, acarretando inclusive um cansaço do próprio líder que acaba acumulando inúmeras funções. Dessa forma, fica evidente que alguns grupos apresentam dificuldade em caminhar de acordo com os princípios da economia solidária, por manter uma hierarquia, onde uma única pessoa centraliza as decisões.

A dificuldade nos grupos em tentar vivenciar a economia solidária dentro da cultura capitalista é evidente, pois existe uma necessidade de reeducação de seus costumes e valores. Sendo assim, percebe-se que um dos motivos de se manter o papel do líder dominante nos grupos de economia solidária decorre do sistema capitalista o qual estão inseridos.

Veronese e Martins (2011), ressaltam que a gestão coletiva é um princípio fundamental nesses empreendimentos, dependendo diretamente da participação ativa e igualitária dos membros, executando assim uma forma de poder compartilhado envolvendo todos.

A questão de relacionamento e de liderança é, portanto, mais um dos desafios enfrentados durante o processo de incubação. Tal fato reafirma a necessidade do trabalho interdisciplinar, uma vez que as demandas são multidimensionais. A atuação da psicologia é essencial para esses momentos que os grupos vivenciam como dificuldade, portanto a Incubadora conta com as estagiárias de psicologia da Faculdade Sant'Ana, para trabalhar os conflitos dos grupos no viés da psicologia.

A atuação da psicologia aparece com o intuito de trabalhar a passividade que os participantes do grupo demonstraram ter diante do papel de liderança e gerar uma reflexão sobre os princípios de um verdadeiro empreendimento solidário, para que possam aprender a debater as problemáticas e decisões democraticamente, tornando-se grupos autogestionários que buscam conquistar sua autonomia na contramão da cultura hegemônica.

Considerações Finais

Os Empreendimentos de Economia Solidária são organizados coletivamente, por meio de associações, grupos de produção e cooperativas, com o objetivo de geração de trabalho e renda de forma coletiva, regidos pela autogestão.

Percebendo-se a complexidade deste tema e o desafio que se impõe como prática concreta, a questão da liderança não deve assumir um papel secundário na incubação. Entende-se que a liderança pode existir dentro de um empreendimento solidário, contudo é extremamente necessário que mantenha um caráter de horizontalidade, igualdade e que a liderança seja distribuída, para manter a autonomia coletiva. Veronese (2011) enfatiza que o trabalho coletivo tem como fator relevante a liderança, utilizando no seu desenvolvimento confiança, união, comunicação, estratégias de condução das ações e tomadas de decisões de forma democrática.

Foi possível notar a dificuldade de se trabalhar com a Economia Solidária dentro da cultura capitalista, pois vivemos em um ambiente onde prevalece a competição e domínio do poder centralizado na liderança de apenas uma pessoa. Portanto a autogestão é um exercício que exige esforço e persistência, pois trata-se de uma prática que está na contramão do que é comumente aprendido e reproduzido na sociedade. Embora a incubação seja um processo interdisciplinar, a questão da liderança e da autonomia coletiva apresenta-se como um campo privilegiado para a atuação da psicologia no sentido de auxiliar na compreensão, discussão e propostas de ação que contribuam para a autogestão em grupos que praticam a economia solidária e vivenciam seus desafios cotidianamente.

Referências

- BEATRIZ, Marilene Zazula. **Economia Solidária: Os caminhos da autonomia coletiva**. Curitiba: Juruá, 2012.
- FREITAS, M. F. Q. **Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária**: Práticas da psicologia em comunidades nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia social comunitária: Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 54-80.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O Processo Grupal**. 3ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmica de grupos**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- VERONESE, Marília Veríssimo. **A psicologia na transição paradigmática: um estudo sobre o trabalho na economia solidária**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 226f. Tese (Doutorado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- VERONESE, Marília. **A Economia Solidária e a formação de Lideranças Democráticas**. Canoas: Revista Diálogo, n.18, 2011.
- VERONESE, Marília; MARTINS, Marina Rodrigues. **A Comunicação nos Empreendimentos Solidários**. Revista Comunicação & Educação, n.2, 2010.
- SCHOLZ, Robinson Henrique. **Uma andorinha sozinha não faz verão: relações de solidariedade promotoras da liderança solidária compartilhada**. Universidade do Vale Do Rio Dos Sinos – Unisinos Área de Ciências Humanas Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais. São Leopoldo: 2009.
- SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.